



STUART CARVALHAIS, UM ARTISTA DESBARATADOR ... Nos 50 anos da sua morte (1961-2011)

Stuart Carvalhais faleceu há 50 anos. Lisboa deve-lhe uma galeria de retratos infundável. Perfazem uma rapsódia desenhada da vida da cidade. Registos ocasionais do pulsar quotidiano dos que nela residem ou pormenores do seu recorte intrincado e ondulante. Ele usava os lápis e pincéis como um fotógrafo faz uso da câmara. O seu traço denuncia a rapidez ansiosa com que reproduziu no papel o instante captado, carregado com a emoção eruptiva que o surpreendeu.

Stuart nasceu em Vila Real de Trás-os-Montes, a 7 de Março de 1888, mas por volta de 1901-02 veio com a família para Lisboa. Aqui residiu sessenta anos, ao longo dos quais nunca parou de produzir caricaturas e de reproduzir a cidade, aquela Lisboa que mais o tocava. É uma Lisboa que transpira contradições, onde a alegria é triste e a tristeza escorre alegremente pelas ruas lúgubres e serpenteantes, debruadas com o vermelho das sardinheiras e a filigrana verde dos varandins. É a Lisboa das profissões populares, cuja dureza antecipava a velhice. Da virilidade precoce dos gaiatos. Dos arraiais e procissões. Mas também a Lisboa nocturna, dos cafés submersos no fumo do tabaco e nos vapores do álcool. Do jazz e da moda. Dos espectáculos de palco. Das artes e dos artistas, dos jornais e dos jornalistas... Foi por esta Lisboa que Stuart se deixou cativar ao ponto de desbaratar a sua criatividade e negligenciar a sua própria pessoa. Foi uma figura desconcertante, como trespassa pela maioria dos artigos publicados quando faleceu, a 2 de Março de 1961. De forma mais ou menos explícita, os que o evocam parecem sentir necessidade de justificar as opções de vida que tomou. Na edição do dia seguinte, 3 de Março, do *Diário Popular*, Stuart era já uma emanção do passado, um homem de um tempo de liberdade e que não a receara: «Lisboa perdeu o seu último artista-boémio, que outro idêntico não nascerá jamais, que o ambiente e o estilo da vida actual são bem diferentes dessa época em que o homem, menos ordenado talvez, mais pobre de comodidades materiais, seria, no entanto, e por ventura, mais feliz, mais homem na plenitude dos seus anseios, do seu carácter (...); e mais esplendoroso, sem dúvida, na realização incontrolável do seu talento, no seu sonho do inconcebível, na não existência de norte»¹. Já o semanário *Os Ridículos*, na edição do dia 8, tomou a seu cargo aliviar-lhe a fama de «indisciplinado e inconformista»: «Tê-lo-á sido,

¹ Cf. «A morte de Stuart Carvalhais», in *Diário Popular*, Lisboa, n.º 6611 (9 Mar. 1961), pp. 1-6.



efectivamente, em muitos passos, mas outros houve em que Stuart correspondeu sempre e da melhor maneira às obrigações dos seus compromissos. Temos disso bastas provas que ajudaram a fortalecer a admiração que lhe consagrávamos.»²

Provavelmente, o Stuart caricaturista perdura sobre este outro que aqui recordámos, o ilustrador, o aguarelista e o pintor de Lisboa. O que não constitui necessariamente uma injustiça. As suas caricaturas são igualmente geniais e em número muito superior. Encontram-se disseminadas pela maior parte dos jornais de Lisboa e do Porto, cobrindo uma longa fasquia de tempo. A primeira, terá sido publicada no *Século Cómico*, em Junho de 1906. Teria então 18 anos e trabalhava na oficina de azulejos de Jorge Colaço. A última data de 28 de Fevereiro de 1961 e fez a primeira página de *Os Ridículos*, com quem trabalhou desde 1945. Ao longo desses trabalhou para: *A Sátira*; *Zé*; *Má Língua*; *A Lanterna*; *Ilustração Portuguesa*; *Papagaio Real*; *Lucta*; *ABC a Rir*; *ABCzinho*; *O Espectro*; *Renovação*; *Os Sportinhos*; *Diário de Notícias*; *A Choldra*; *O Sempre-Fixe*; *Ilustração*; *Magazine Bertrand*; *Fradique*; *Repórter X*; *Kino*; *Diário de Lisboa*; *Diário Popular*; *Ver e Crer*; *O Cara Alegre...* Entre 1912-1913, estabeleceu residência em Paris e trabalhou com a imprensa francesa, nomeadamente: *Ruy Blas*; *Excelsior*; *Le Journal*; *Pages Folles*; *Cri de Paris*, *Le Rire*; *Le Sourir* e o *L'Assiette au Beurre*.

Embora predomine a caricatura política, Stuart é, por natureza, um crítico, ou melhor, um demolidor de políticos e de políticas. Missão que cumpria com prazer impiedoso. Trabalhou para jornais e revistas conotados com diferentes ideologias e partidos, como se percebe pelo mosaico de títulos atrás referidos.

A obra de Stuart, que persegue um estilo tão marcante quanto o do seu criador, insere-se no modernismo português, movimento do início do século XX, a que ele aderiu ainda muito jovem. Também participou activamente na constituição da Sociedade dos Humoristas Portugueses, cuja primeira manifestação pública foi o I Salão dos Humoristas Portugueses, inaugurado em Maio de 1912.

São já muitas as biografias e outros estudos sobre Stuart Carvalhais, pelo que optámos aqui por destacar a expressão que a Cidade tem na sua obra, pois sabemos que a apreciava e interpretava ao ritmo dos dias.

Em jeito de *post-scriptum*, fica ainda uma referência à Rua Stuart Carvalhais, no Bairro Social do Arco do Cego. O topónimo foi criado por Edital de 31 de

² Cf. «Stuart Carvalhais», in *Os Ridículos*, Lisboa, n.º 5746 (8 Mar. 1961), pp. 3-6.



Março de 1970, por decisão do então presidente da Câmara Fernando Augusto Santos e Castro. O documento contemplava mais dois topónimos para o mesmo Bairro: Rua José Sarmento e Rua Eduardo Fernandes (Esculápio), ambos ligados à imprensa da I República. Foi uma “homenagem” meio envergonhada, na exacta medida daquilo a que um regime repressivo e intolerante se sentiu obrigado, perante um homem incómodo que o confrontava com a verdade que o regime negava e queria esconder a todo o custo.

Rita Correia

17/02/2011

BIBLIOGRAFIA:

Pacheco, José – *Stuart e o modernismo em Portugal*. Lisboa: Colecção Artes/Ilustradores, Veja, s.d..

Sousa, Osvaldo de - «Stuart Carvalhais o “desenhador de bonecos”...», in *História*. N.º 29 (Mar. 1981), p. 27-31. ISSN0870-4538.

Stuart. Vida e Obra de Stuart. Lisboa: Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, Maio/Junho 1992.

Diário Popular. Lisboa: Ano 19, 1961.

Os Ridículos. Lisboa, Ano 56, 1961.